



SOFRIMENTO COMO POTÊNCIA POLÍTICA PARA O TRABALHO DO SUJEITO VIVO

“Viver é sofrer”! Somos todos “companheiros de sofrimento”, expressa Schopenhauer na sua obra *Dores do Mundo*. O filósofo alemão defende o argumento de que sofrer é essencialmente querer; e como viver é querer, a nossa existência é *sofrente*: “Quanto mais elevado o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina, uma história natural de dor”. O maior trabalho dos seres humanos é o esforço para manter a miséria em nível suportável e o sofrimento completamente ausente, esforço que aos poucos se transforma em tédio; para expulsar o sofrimento buscam-se as formas mais diversas de criar necessidade e de cuidar das coisas materiais da vida; se não se encontra acesso livre para tal, tem lugar a tristeza e o tédio da saciedade, e para combatê-los é preciso forjar armas.

Nesse cenário filosófico, este Editorial foi elaborado com um desejo de oferecer ao leitor uma lente para pensar as origens e destinos do sofrimento humano no trabalho, através da qual seja possível um olhar como “companheiros do sofrimento” sobre os artigos publicados nesse segundo número.

Antes de seguir, é necessário problematizar a noção de sofrimento. Tal necessidade surge a fim de se delimitar o campo de estudo sobre trabalho e sofrimento, tão largamente explorados por diversas disciplinas críticas e clínicas das ciências do trabalho. Vale ressaltar que, como categoria teórica, o sofrimento foi estudado particularmente pela filosofia, sendo abordadas suas origens, manifestações e destinos pela psicanálise, pela psicopatologia fundamental, psicologia e psicodinâmica do

trabalho; no entanto, nenhuma delas deixou estabelecida uma construção conceitual sobre o assunto. Afinal, o que é o sofrimento?

Os referenciais de Freud e Lacan, além da filosofia de Schopenhauer, serviram-nos de inspiração. Guiaram-nos os escritos de Freud *Mal Estar na Civilização, Além do Princípio do Prazer e A Pulsão e suas Vicissitudes*, e de Lacan no Seminário 7 e 17 *A Ética da Psicanálise e O Avesso da Psicanálise*, articulados aos nossos escritos em clínica do trabalho, aos nossos sofrimentos e aos sofrimentos dos trabalhadores que escutamos.

Assim, para nós o sofrimento é uma força motriz questionadora do querer, poder e dever do sujeito frente à experiência com o real - inesperado, inusitado e surpreendente - algo que não é reconhecido como legitimamente pertencente a si; uma experiência desconhecida, estranha para sua costumeira relação consigo mesmo; algo no qual ele não se reconhece, o qual não compreende e para o qual não encontra tradução na linguagem que ele próprio conhece.

O sofrimento é a simbolização da dor; e, como força motriz questionadora, coloca em cheque o sintoma, sua funcionalidade e relação com o desejo. O desejo articula-se ao conceito de pulsão, lei e gozo. O sujeito pode ceder seu desejo ao gozo, que seria um excesso, ultrapassagem dos limites (conceito fundamental para estudar as relações de trabalho) da lei. Nesse sentido, o sofrimento pode se constituir no gozo do sujeito com seus sintomas, significando, a paralisação da força motriz questionadora, apontando para a proposição de um circuito do sofrimento.

Para compreensão desse circuito, torna-se fundamental a ideia da ética do desejo desenvolvida por Lacan. É uma ética

que busca manter a força motriz questionadora do querer, poder e dever do sujeito frente ao real, que é sempre da ordem do inesperado. Significa viver a falta implicada no desejo e o vazio da impossibilidade de controlar o real. É uma ética que não cede ao gozo, especialmente o mais-de-gozar demandado no discurso do capitalista como saída para a angustia de castração. O sujeito se encanta com as promessas do capital de ter mais e com isso ser mais, caindo, sem se dar conta, de modo inconsciente e alienado, na armadilha da onipotência, abrindo mão de ser “companheiros de sofrimento”, não aceitando a sua condição de ser *sofrente*.

Isto posto, como esse circuito do sofrimento opera no trabalho? O sofrimento no trabalho é o sofrimento humano mobilizado frente a um real particular: o trabalho. Assim, sofrer no trabalho é um modo de manter vivo o sujeito no e do trabalho, embora também seja esta a mesma força, que mortifica o sujeito quando o sofrimento é gozo e escapa à ética do desejo. Nesse caso, impera a negação, ruminação, não aceitação da condição de *sofrente*, adoecendo o corpo e produzindo uma quebra psíquica. A força motriz questionadoras da dor, do sintoma perde sua potência política e ética de manter vivo o sujeito pela tradução e simbolização da sua condição humana de “companheiros do sofrimento”.

Esta falência do sofrer é construída deliberadamente pelos modelos de organização e gestão do trabalho. São fabricados no modo de produção consumista sujeitos desafetados, da dor não simbolizada, dos afetos recalçados, de modos de subjetivação normopata. Os modelos de gestão forjam armas para expulsar o sofrimento, negando a força motriz questionadora, única possibilidade de confrontar o real com a ética do desejo e dignidade, que implica suportar e aceitar a condição de *sofrente*, o vazio, a incompletude, a imperfeição, a finitude.

Que armas são forjadas e que esforço é empregado para expulsar o sofrimento no e do trabalho?

Os modelos de gestão do consumismo, pautados na excelência e produtivismo, são distantes da produção, da criação e do prazer vinculados à sublimação, e próximos da neurose e da perversão onde o excesso é o prazer. Esses modelos para sustentar os imperativos do gozo como descreve Lacan no discurso do capitalista pregam e empregam uma multiplicidade de especificações, padrões e regras para controlar o comportamento humano, sobretudo, os afetos e o sofrimento humano. Esses modelos constroem culturas e ideologias totalitárias, tirânicas e exterminadoras. A “carnificina” é o resultado da caçada ao lucro, aos resultados e ao sucesso.

As formas de controle excessivo e abusivo podem ser responsáveis por severas restrições à liberdade dos trabalhadores, pela regulamentação do tempo, pelo desempenho medido matematicamente, pela desvalorização do trabalhar e dos laços sociais que se tornam sem afeto ao ser excluídos do espaço de trabalho as alegrias, as tristezas, as frustrações, o medo, a insegurança, o ressentimento, enfim, as narrativas dos sujeitos e o circuito do sofrimento. Esse controle, que produz e é produzido por subjetividades normopatas, consolida a despersonalização, a desumanização, segundo as quais sujeitos são objetos que usam o espaço no qual se movem e produzem produtos que não são seus.

O laço social é lesado, vez que não ocorre a apropriação do trabalhador sobre o que sente e pensa; sua fala não é particularizada; não tem voz; é comandado pelo “canto da sereia”, chamado que leva a mortificação do seu fazer, do seu ser. As relações são orientadas por um discurso ideal, que não se sustenta, pois para fazer o laço com o outro é necessário desejar e se confrontar com o desejo do outro, ser sujeito da castração, se revelar na sua condição de

sofrente, promover um entrelaçamento de socialização e individuação, produzindo um reconhecimento intersubjetivo da particularidade de todos.

A avaliação do trabalho não tem espaço, são valorizadas a performance e espetacularização dos produtos e serviços e não o saber fazer no real. A qualidade como qualificação do fazer deixa de ser critério para o reconhecimento da utilidade e da beleza e passa para ser uma exigência. Essas exigências não se restringem apenas à entrega do produto: a demanda exige também a perfeição do que é produzido, tanto em estética quanto em tempo de produção e de rentabilidade. Cria-se uma demanda para o trabalhador impossível de ser atendida frente ao inesperado do real, um dilema que mobiliza a paralização da força motriz questionadora, do sofrimento.

A estrutura organizacional voltada para a excelência se articula a um discurso gerencial baseado *Para Além do Princípio do Prazer*, ou seja na compulsão à repetição, no limite, na pulsão de morte. A mobilização dos trabalhadores ocorre em busca de um eu ideal, uma *Weltanschauung*, conceito alemão que remete a uma construção intelectual que oferece solução a todos os problemas, simplificando ao máximo os objetivos a serem alcançados para nos sentirmos completos. O erro nessa fala não existe, a falha é projetada, implicando uma resistência transferencial, levando os sujeitos em direção à morte psíquica e destituição dos laços sociais.

Esse ideal de perfeição, sustentado no desespero de controlar o real, desmancha-se no ar quando o sofrimento como força motriz questionadora sobrevive, denunciando, por meio do adoecimento, acidentes, suicídio, ou modos de resistência e de luta o modelo falacioso de promessa do “paraíso perdido”, a onipotência. O sofrimento coloca à prova este

projeto de “carnificina” como arma principal para exterminar o humano do mundo do *business* e *entertainment* implantado nas empresas como os programas de avaliação de desempenho, programas de qualidade de vida, programas de desenvolvimento gerencial entre outros.

Tais modelos de gestão produzem individualismo competitivo, uma paradigma que é o progresso junto à urgência falaciosa da dominação da natureza, e refere-se a um Eu ameaçado pela desintegração e por um sentido de vazio interior. Surgem as práticas desleais com os colegas, condutas baseadas na filosofia do “cada um por si”, do “tapar os olhos”, e assim, espaço para as práticas de discriminação, agressão e violência, como o assédio moral. Estas formas de dominação produzem opressão e efeitos nocivos nas relações de poder, que cede o lugar da autoridade ao autoritarismo.

O discurso comanda que deve-se trabalhar pela imagem e pelo poder que a organização possui, reforçando a ilusão de “possuir” a organização como objeto, com quem se identifica, e pode confiar e esperar a proteção de que se “necessita” para sentir-se seguro. Usam-se as situações que geram sofrimento como meio de mostrar grandiosidade em suportar tal vivência e, ao mesmo tempo, uma negação desta experiência na direção de ser algo inadmissível.

Viver é sofrer, assim como trabalhar, vez que trabalho *sofrente* é vida. O trabalho é uma possibilidade de produzir o sujeito vivo, ao reconciliar o sujeito com o real, permitindo o encontro com a força motriz questionadora do querer, poder e dever como potência capaz de balançar - quem sabe quebrar - as estruturas da opressão im(postas) aos trabalhadores. Assim seguimos “companheiros de sofrimento”!

ANA MAGNÓLIA MENDES
LILIAM DEISY GHIZONI
Editoras Gerais